

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TIAGO DALAPICOLA

A MIGRAÇÃO DE CAPIXABAS PARA RONDÔNIA

VITÓRIA
2008

TIAGO DALAPICOLA

A MIGRAÇÃO DE CAPIXABAS PARA RONDÔNIA

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dra. Aurélia Castiglioni.

VITÓRIA
2008

TIAGO DALAPICOLA

A MIGRAÇÃO DE CAPIXABAS PARA RONDÔNIA

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovada em /07/2008

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Dra. Aurélia Castiglioni
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Profª Dra. Marisa Valladares
Universidade Federal do Espírito Santo

Profª Dra. Antônia Frattolillo
Universidade Federal do Espírito Santo

*Ai miei genitori, João e Maria,
Aos meus pais, João e Maria*

*bravi contadini che mi hanno
bravos camponeses que me deram a vida*

*dato la vita, oltre l'onestà e la dignità,
além da honestidade e da dignidade*

*da cui sono esempio !
da qual são exemplos*

*Ai tutti i poveri contadini "capixaba",
A todos os pobres camponeses capixabas*

*che sopravvivono come eroi in campagna
que sobrevivem como heróis no campo*

*specialmente coloro che sono migrati
especialmente aqueles que migraram*

*dall'Espírito Santo alla Rondonia.
Do Espírito Santo para Rondônia,*

*Bravi, ma forse innocenti!
Corajosos, mas talvez inocentes!*

AGRADECIMENTOS

A Prof^ª. Dra. Aurélia Hermínia Castiglioni que elegantemente orientou este e outros trabalhos;

À Universidade Federal do Espírito Santo, especialmente ao Departamento de Geografia e ao Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Geografia (LEAGEO) pelas múltiplas oportunidades de crescimento e aprendizagens, amadurecimentos intelectuais, financiamentos de diversos tipos no decorrer de minha trajetória acadêmica;

À Regiane de Fátima Aleixo, que nos idos de 1996 me emprestou os livros que talvez sem os quais não chegaria a este momento;

Ao escritório regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na pessoa de Rosana Calvet, que preciosamente atendeu-me nas pesquisas;

À Lorena Tonini Spelta pelas informações socializadas na pesquisa realizada no Terminal Rodoviário de Colatina;

Aos professores, que mais que docentes transformaram-se em grandes incentivadores, Antonia Fratolillo, Lídia Antongiovanni, Marilda Maracci, Marisa Valladares, Patrícia Gomes R. Andrade, Paulo Scarim, Vilmar José Borges;

Ao Prof^º Dr. Jacob Binsztok (UFF), pelas sugestões, em Londrina e Guarulhos;

Àquelas famílias que gentilmente me receberam em suas casas permitindo a continuidade de meus estudos, nas pessoas de Gilmar Fraga, Luis Radaeli (in memorian), Darcy Gramelich, Clésio Gabler Silvestre;

Aos amigos Cynthia Silva Gonçalves, Edson Vander V. Mendonça, Elielino Lima, Fabiano Boscaglia, Fabrício Duppio, Helton Canhamaque, Idelvon Poubel, João Marcos Augusto Chipolesch, José Antonio Gramelich, Júlio Santos, Robson Loss, por nossas discussões, acadêmicas ou não;

À doce Ana Maria e ao primo Zé, pela revisão textual;

Aos inesquecíveis colegas (e amigos) da turma de 2003/02 do curso de Geografia dessa Universidade, especialmente Ingrid Tonon, Iuri Campos de Souza, Lauriete Bergami, Pedro Ivo Barbosa, Reia Silvia Gonçalves Pereira, Willian Querobino;

À professora Rita Guizzardi, que gentilmente revisou a tradução do resumo;

A Rodrigo Bettim Bergamaschi, pela preciosa ajuda cartográfica;

Ao grande amigo Welton Pinotti Rovetta, que nobremente compreende a ausência de seu melhor amigo;

À todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a conclusão do Bacharelado em Geografia e deste estudo final, que por um lapso possam não estar supracitados;

E principalmente, a DEUS, por tudo!

*“O medo me fascina”
Ayrton Senna*

RESUMO

Este estudo trata da migração de capixabas para Rondônia, e das facetas subjacentes a este processo. Assim, apóia-se numa sólida base teórica a respeito do “fenômeno migração”, bem como, procede a uma pesquisa empírica junto a sujeitos dela no recorte espaço-temporal proposto.

Discute as causas e os efeitos dessa migração, tanto para a área de origem como para a de destino desses migrantes, baseando-se em transformações ocorridas no Espírito Santo e nos fatores que transformaram Rondônia num pólo de atração.

Palavras-chave: Migração . Causas e efeitos da migração . Espírito Santo . Rondônia

RIASSUNTO

Questo studio si riferisce alla migrazione di molti “capixabas” per Rondonia, e delle sfaccettature che hanno rapporto con questo processo. Lo studio si appoggia su un solido basamento teorico sul “fenomeno migrazione”, inoltre procede ad una ricerca empirica insieme ai suoi soggetti nell’area spaziale e nel periodo di tempo proposto.

Discute le motivazioni e gli effetti di codesta migrazione, per l’area di origine e anche per l’area di destino dei migranti, basandosi nelle trasformazioni avvenute nello Stato di Espirito Santo e negli elementi che hanno trasformato Rondonia in un polo di attrazione migratoria.

Parole-chiave: Migrazione . Motivazioni e effetti della migrazione . Espirito Santo . Rondonia.

Lista de Abreviaturas

ES - Espírito Santo

GERCA – Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RO – Rondônia

Lista de Ilustrações (Gráficos)

Gráfico 1 – Pirâmide etária de São João da Barra Seca, Colatina, ES -2007.....	39
Gráfico 2 – Idade dos entrevistados.....	42
Gráfico 3 – Estado civil.....	43
Gráfico 4 – Ocupação.....	43
Gráfico 5 – Escolaridade.....	44
Gráfico 6 – Década da emigração.....	45
Gráfico 7 – Município de residência anterior a emigração.....	45
Gráfico 8 – Município de residência atual.....	46
Gráfico 9 – Frequência com que viajam ao Espírito Santo.....	50
Gráfico 10 – Possibilidade de retorno ao ES.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. QUADRO TEÓRICO.....	17
2.1. CONCEITUAÇÃO.....	17
2.2. CAUSAS DA MIGRAÇÃO.....	20
2.3. SELETIVIDADE DAS MIGRAÇÕES.....	21
2.4. MIGRAÇÕES: A COMPLEXIDADE DO TEMA.....	22
3. AS REGIÕES ENVOLVIDAS NO PROCESSO MIGRATÓRIO.....	23
3.1. COLATINA E ADJACÊNCIAS.....	23
3.2. RONDÔNIA.....	24
3.2.1. CARACTERIZAÇÃO GEO-HISTÓRICA.....	24
3.2.2. A ATRAÇÃO POPULACIONAL.....	27
3.3.3. ANÁLISE DOS DADOS DOS CENSOS DEMOGRÁFICOS.....	29
4.0. EFEITOS DA MIGRAÇÃO	31
4.1. A AGROPECUÁRIA.....	31
4.2. A REDE DE FLUXOS.....	33
4.3. ALTERAÇÕES SÓCIO-DEMOGRÁFICAS	35
4.3.1. COMPOSIÇÃO ÉTNICA	35
4.3.2. RAZÃO DE SEXOS.....	35
4.3.3. ESTRUTURA ETÁRIA.....	37
4.4. IDIOMAS MINORITÁRIOS.....	39
4.5. RELIGIÃO.....	40
5.0. ESTUDO DE CASO COM PESSOAS NATURAIS DO ESPÍRITO SANTO REDIDENTES EM RO.....	41
5.1. METODOLOGIA.....	41
5.1.1. POSSÍVEIS DISCREPÂNCIAS E SEUS EFEITOS.....	41
5.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO INVESTIGADO.....	42
5.3. ANÁLISES DOS DADOS OBTIDOS.....	47
5.3.1. O GRUPO DE MIGRAÇÃO.....	47
5.3.2. AS CAUSAS DA MIGRAÇÃO – FATORES DE ATRAÇÃO (RO).....	48
5.3.3. AS CAUSAS DA MIGRAÇÃO – FATORES DE REPULSÃO (ES).....	48
5.3.4. CONHECIMENTO ACERCA DE OUTROS MIGRANTES.....	49
5.3.5. RELAÇÕES E FREQUÊNCIA DE VIAGENS AO ES.....	50
5.3.6. AVALIAÇÃO DA MIGRAÇÃO E O POSSÍVEL RETORNO.....	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
7. REFERÊNCIAS.....	55
8. ANEXOS.....	58

1. INTRODUÇÃO

O ponto de partida que motivou nossa proposta de estudo monográfico foi a observação em comunidades rurais de Colatina, inclusive entre meus próprios familiares, da migração para o estado de Rondônia. Entretanto essa observação era desprovida de um dado científico que a respaldasse, o que limitava suas possibilidades de análise.

Posteriormente, cursando a disciplina de Demografia Econômica, neste Departamento, trabalhamos com dados disponibilizados pelo IBGE (2000) sobre a migração interestadual no Brasil, que vieram de encontro ao observado nas referidas comunidades. O dado científico, inexistente no momento da observação, era-nos agora apresentado e mostrou ser real e significativo em termos quantitativos nossa hipótese de que o noroeste capixaba, e mais especificamente o município de Colatina se constituem como grandes pólos de emigração dirigidos para aquele estado amazônico.

Procedemos inicialmente a um levantamento bibliográfico em diversas fontes, com vistas à elaboração do subsídio teórico que nos amparou tanto na formulação das questões do instrumento de pesquisa, como da discussão em torno da temática proposta. Procuraram-se leituras de diversas ciências com o objetivo de enriquecer tal arcabouço teórico, não limitando a compreensão do fenômeno migratório e das problemáticas subjacentes ao nosso tema de estudo à apenas uma especialidade científica.

Ainda no que diz respeito à coleta de dados da pesquisa, foram realizadas consultas ao escritório regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e também no sítio eletrônico do mesmo órgão, de onde foram extraídas as informações sobre os deslocamentos interestaduais, no caso, ES-RO e vice-versa.

Não obstante a dificuldade encontrada na própria natureza do conceito de migração, pode-se elencar outras fontes de dúvidas presentes em qualquer trabalho científico, o que não poderia deixar de existir no nosso. Aliás, uma das características inerentes ao ato de pesquisar é admitir que os resultados que encontramos não são verdades absolutas e que estão sujeitos à influência de diversos fatores.

Uma advertência cabe à diferença metodológica empregada pelo IBGE nos Censos Demográficos, no período compreendido entre 1960 e 2000, o que acaba sendo natural dada à

amplitude do intervalo temporal abordado. A título de exemplo, nos Censos Demográficos de 1960 e 70, não se fez menção à condição de residência anterior - rural ou urbana - do migrante.

Detectou-se que importantes transformações de ordem sócio-econômica podem estar envolvidas no contexto de origem e de destino do fluxo migratório mencionado. No entanto, a temática foi objeto de poucas pesquisas. Encontramos poucas e breves referências a tal fenômeno, em autores como Campos Jr. (2004), Mello & Théry (2005), Binsztok (2006), Link (2004).

O primeiro, num estudo dedicado à formação e importância do município de Colatina na qualidade de centro regional do norte espírito-santense relaciona o esgotamento do modelo produtivo da pequena produção agrícola à emigração da zona rural deste município, tanto direcionada para a zona urbana, como também segundo este autor para RO.

Mello & Théry (2005) por sua vez, focalizam em seu “Atlas do Brasil”, a disseminação da lavoura cafeeira em RO, apontando a presença de pequenos agricultores emigrados do ES como responsáveis por essa introdução.

Binsztok (2006) aborda de forma mais abrangente a questão da produção agropecuária, identificando duas construções sócio-espaciais diferenciadas dos produtores de café e outros gêneros alimentícios. Trata-se da presença de “duas comunidades distintas, que apesar de ocuparem espaços próximos, apresentam especificações sociais oriundas de suas localidades de origem” – o ES - e que foram reproduzidas em RO, no caso por capixabas descendentes de italianos e de germânicos. Além, cita as relações preferenciais que existem entre os dois estados, principalmente no que tange ao comércio exterior de RO, que se realiza por portos capixabas, mesmo quando são vislumbradas alternativas mais econômicas e dotadas de logística na própria região.

Já Link (2004) associa a imigração do grupo de camponeses capixabas descendentes de germânicos com o movimento de expansão do luteranismo na Amazônia Meridional.

Provavelmente duas das mais significativas contribuições em referência à questão foram feitas em nossas próprias pesquisas (DALAPICOLA,2006 e CASTIGLIONI &

DALAPICOLA,2007), apresentadas e publicadas em recentes eventos no Rio de Janeiro e em Londrina.

Nesse sentido, nosso estudo se propõe a somar novos conhecimentos de modo a contribuir para o entendimento da questão.

2. QUADRO TEÓRICO

2.1. Conceituação

A migração é um “fenômeno reflexo”, ou seja, manifestação de processos e de transformações sociais e econômicas mais profundas, que lhe são subjacentes.

Como bem lembra Moura (1980), configura-se assim como um tema sem essência própria, o que determina que seu “objeto de interesse e tratamento não pode ficar predominantemente restrito a uma especialidade científica”.

O presente estudo ampara-se em literaturas de domínios de várias ciências, como a História, a Economia, a Geografia, a Sociologia e a Demografia, visando dessa forma, proporcionar uma visão ampla sobre a temática em questão e a região adotada como recorte espacial.

Entretanto, pelo fato do estudo da migração não se constituir uma ciência em si, fica sujeito a uma forte vulnerabilidade, tanto no que diz respeito ao estabelecimento de seu conceito, que pode variar de acordo com a ciência onde se efetiva seu estudo, como no que diz respeito aos métodos de análise e técnicas de mensuração empregadas, que embora enriqueçam a abordagem do tema, não deixam de imprimir vieses, distorções e forte grau de heterogeneidade às investigações realizadas, dificultando a comparação de resultados (MOURA 1980).

Começamos assim pela mais óbvia fonte de definições – os dicionários – busca mais imediata a que recorre-se em momento de dúvidas, no entanto também a mais elementar e sem aprofundamento teórico. Para o Dicionário Porto de Língua Portuguesa (2007), migração conceitua-se como: 1) *ato de migrar*; 2) *deslocamento de populações de uma região para outra, ou de um país para outro*; 3) *conjunto de viagens periódicas que fazem certas espécies de animais*. Evidente que só as duas primeiras definições nos interessam. Já para o Língua Portuguesa On-line (2007), migração caracteriza-se como: 1) *ação de migrar*; 2) *passagem de um país para outro (um povo, raça, muita gente)*. Percebe-se que se trata de definições bem genéricas e simplistas, que deixam a margem da discussão questões cruciais das migrações como suas causas, efeitos e sua seletividade.

Um dos primeiros tratados sobre a migração surgiu no Reino Unido, no final do século XIX, a partir de uma “provocação” feita ao historiador-economista Ravenstein, de que “a migração

parecia ocorrer sem qualquer lei definida”. Assim, no ano de 1885, ele apresentou à Royal Statistical Society o artigo “The Laws of Migration”, em que discorria sobre a migração em geral e determinou as sete leis que a governam.

Malgrado as críticas direcionadas ao seu trabalho, o próprio Ravenstein reconhecia as imperfeições do ensaio, embora acreditasse que o mesmo ainda assim se constituía numa contribuição de valor ao campo da pesquisa da migração (RAVENSTEIN, 1980)

Lee (1966), afirma que apesar das críticas “os trabalhos de Ravenstein resistiram à prova do tempo e continuaram sendo o ponto de partida de trabalhos teóricos sobre o assunto”, lembrando que o mesmo advertia que as leis da população e da economia em geral não têm em geral o mesmo rigor das leis físicas.

Apesar de Ravenstein (1980) em nenhum trecho de seu trabalho definir claramente o termo “migração”, percebe-se implicitamente que ele tem um entendimento bastante economicista da questão, o que ele mesmo denuncia no início do capítulo V de seu artigo, associando migração apenas a deslocamento de mão de obra das áreas onde são abundantes para as carentes.

Um argumento que auxilia na compreensão da concepção de Ravenstein sobre a migração é o contexto sócio-econômico que era presente no Reino Unido no século XIX – a desorganização da cultura camponesa, com o cercamento dos campos (dando origem a áreas abundantes em mão-de-obra) e a expansão das indústrias na cidade (Revolução Industrial) consolidando pólos de demanda de mão-de-obra, logo, de atração.

Para Lee (1966) “define-se migração como uma mudança permanente ou semipermanente de residência”. O autor ainda emenda que não há limitações em relação a distância do deslocamento, ou à natureza espontânea ou compulsória do ato, nem distinção entre migração interna e externa..

Entretanto, enquanto forma de mobilidade espacial, Lee (1966) afirma que migração não é sinônimo de nomadismo, seminomadismo e deslocamentos temporários para trabalho e férias, pois considera que “todo ato migratório implica num lugar de origem, num lugar de destino e numa série de obstáculos intervenientes”.

Poulain (apud CASTIGLIONI,1989, p.5) considera a migração como “un déplacement ou plus souvent un ensemble de déplacements ayant pour effect de transférer le logement d’un individu d’un certain lieu d’origine à un um certain lieu de destination”.

Beaujeu-Garnier (1980) fala em três grandes tipos de migração. A primeira é a migração de grande distância, ou internacional. Após, temos uma escala menor, dentro de países individualmente considerados, e a última, as migrações oscilatórias, que abrangem todos os movimentos nos qual o migrante não abandona o lugar de residência, a ele retornando periodicamente.

A respeito do campo de forças que atuam sobre as migrações, Beaujeu-Garnier(1980) afirma que “uma causa de partida não é em si mesma suficiente, deve haver também algo para atrair os imigrantes. O fator de atração pode ser real ou imaginário [...]”.

Para o economista, demógrafo e sociólogo francês Alfred Sauvy (1979), os deslocamentos humanos e em grupo nem sempre são migrações. Para exemplificar, cita os refugiados “freqüentemente computados nas estatísticas de imigração, embora seu deslocamento seja involuntário”.

Percebe-se assim que esse autor ignora o fato de que independente de ser espontânea ou forçada, os refugiados têm motivos que os repelem e atraem, e que tanto sua saída como sua chegada traz alterações para os respectivos pólos de expulsão e atração.

A Organização das Nações Unidas (ONU), em seu Manual VI, que trata dos “Métodos de Medição da Migração Interna”, define migração como “o deslocamento de uma área definidora do fenômeno para outra, que se realizou durante um intervalo de migração determinado e que implicou em mudança de residência” (ONU, 1980).

O Manual também faz distinção entre mobilidade espacial e migração, reconhecendo que o conceito dessa última é restrito. A intenção é eliminar tipos de mobilidade como o nomadismo, movimentos estacionais de pessoas que moram em dois lugares ao longo do ano,

que devem ser incluídos em outras categorias, em nome do rigor metodológico e da precisão científica.

2.2. Causas da Migração

Constata-se ao estudar migrações, uma exacerbada ênfase nos fatores econômicos como seu principal determinante.

Para Castiglioni (1989) “les causes qui provoquent le phénomène migratoire sont extrêmement diversifiées. Le mouvement ne peut pas être attribué à une seule cause mais à la combinaison de plusieurs facteurs”. Entretanto, reconhece que

[...] Malgré la diversité des causes, les travaux empiriques réalisés à travers le monde aboutissent à un résultat commun: les facteurs économiques sont reconnus comme le déterminant principal du processus migratoire [...] les théories actuelles attribuent le principal rôle causal aux disparités socio-économiques entre les régions.

Nesta direção, Sjaastad (1980) aponta que tanto as causas quanto a direção e intensidade da migração são reações dos migrantes em relação aos diferenciais de rendimentos que prevalecem espacialmente.

Os fatores que entram na decisão de migrar e o processo migratório são vistos por Lee (1980) resumidos em quatro tópicos:

- I) fatores associados ao local de origem;
- II) fatores associados ao local de destino;
- III) obstáculos intervenientes;
- IV) fatores pessoais.

Singer (1976) diz que as causas estruturais que impelem determinados grupos a se por em movimento são quase sempre de fundo econômico – deslocamento de atividades no espaço, crescimento diferencial da atividade em lugares distintos, etc – e atingem grupos que compõem a estrutura social do lugar de modos diferenciados, ou seja, promove uma seleção.

Beaujeu-Garnier (1980) argumenta que entre outros autores, é lugar comum dar ênfase ao descontentamento com a “sorte econômica”, sendo que a maioria considera esta como a motivação essencial. Todavia observa que:

Algumas migrações não são motivadas pelo desejo do lucro; a busca da liberdade política ou religiosa, seguida às vezes da necessidade de defesa de perseguição, tem sido responsável por emigrações em massa que muito contrariam os interesses econômicos dos migrantes.

A autora ainda elenca outras motivações para a migração, como a atração do grupo, em que indivíduos migram pelo sentimento de companheirismo pela família ou amigos, e o “espírito pioneiro” que procura não só um padrão de vida mais elevado, como também dificuldades a vencer, obstáculos naturais a superar e empreendimentos à desenvolver, como os sitiantes pioneiros que desbravam a borda das florestas canadenses.

2.3. Seletividade das migrações

“Les individus réagissent différemment devant les facteurs que induisent la migration” (Castiglioni, 1989). Os estímulos para migrar são assimilados diferentemente, de acordo com vários fatores condicionantes, entre os quais Castiglioni cita “l’age, l’instruction et la spécialisation, l’état civil, l’aspirations et le sexe”.

Essa diferenciação se constitui numa das principais questões do estudo das migrações, a qual chamamos de seletividade.

Em Sjaastad (1980), que vê como principal causa das migrações a necessidade de equiparação de rendimentos entre regiões, a seletividade está relacionada com o potencial produtivo da população, desprezando dessa forma, crianças, idosos, incapacitados para o trabalho, grávidas, entre outros desprovidos de potencial de produção econômica, que não migram.

Nesse sentido, Singer (1980) afirma que há seletividade dos fatores de expulsão e dos fatores de atração, emendando ainda que num primeiro momento, a determinação de quem migra ou fica é social, ou de classe, e num segundo momento, as condições objetivas e subjetivas determinam quais membros dessa classe migrarão e quais permanecerão.

Castiglioni (1989) ainda adverte que a seletividade do movimento migratório produz transformações qualitativas importantes nas regiões de partida e de chegada dos migrantes.

2.4. Migração: a complexidade do tema

Estudar a migração, principalmente a interna torna-se uma tarefa complexa por dois fatores atuantes. O primeiro, já parcialmente exposto, tange à dificuldade em torno da base conceitual-teórica, que pode variar dependendo da ciência onde é estudada. Nesta linha, Castiglioni (1989) afirma que “la migration est un phénomène complexe qui enveloppe plusieurs dimensions(...) Les définitions sont nombreuses et varient selon les objectifs de l’auteur et la dimension qui est mise in relief”.

Ainda referente à elaboração teórica-conceitual, mas já considerando o tratamento dos dados levantados, tem-se o problema da seleção da unidade atuante no processo migratório – no caso indivíduo ou família (grupo). Singer (1976) adverte sobre a capacidade de esses informantes reproduzirem com exatidão os motivos que os levaram a migrar e questiona quanto há de racionalização ou de estereótipo nas respostas, numa clara dúvida em relação à fidedignidade das mesmas.

Outro ponto levado em consideração por esse autor é a análise das informações coletadas, que segundo o mesmo conduz à análises psicologizantes quando tomadas por referência a base individual, desfigurando ou omitindo condicionantes macrossociais. Assim, enquanto considerado processo social, a migração deve ter como unidade atuante para pesquisa o grupo e não o indivíduo (SINGER, 1976).

O segundo fator responsável pela complexidade do estudo da migração refere-se aos critérios metodológicos empregados nas pesquisas. Castiglioni (1989) diz que “l’étude empirique de la migration demande la précision de certains critères (...) La fixation des critères facilite l’operationalisation de la definition mais, em général, elle impose certains restrictions”.

Com base na afirmação de Castiglioni, cabe a reflexão: até que ponto as restrições impostas a partir da fixação de critérios não traz prejuízo para os resultados globais da pesquisa?

Também discorrendo sobre a complexidade da migração, Patarra e Cunha (1987) apontam os dados como sendo uma das grandes dificuldades com que se depara o estudioso da migração. Citam como obstáculos as poucas opções de fontes, a periodicidade de algumas, a

complexidade de outras, e até mesmo as limitações que elas apresentam quanto à percepção do fenômeno.

Zelinsky (apud CASTIGLIONI, 1989, p.27), afirma que a formulação de uma teoria universal para explicar a migração é tida como impossível por alguns autores. Mas destoa, dizendo que:

[...] malgré la complexité de ce phénomène, les comportements migratoires dans différents communautés présentent certains similarités, regularités et répétitions qui justifient la généralisation et em particulier la formulation de principes de base du cadre théorique d'analyse de la migration. (apud CASTIGLIONI, 1989, p.27).

3. AS REGIÕES ENVOLVIDAS NO PROCESSO MIGRATÓRIO

3.1. Colatina e adjacências

O município de Colatina ocupa posição de destaque no noroeste capixaba, sendo o pólo regional, detentor de uma razoável estrutura de serviços, comércio e indústria.

Nas duas décadas subseqüentes à meação do século passado, em virtude do crescimento propiciado pelos êxitos de uma economia assentada na lavoura cafeeira, Colatina era considerado um dos municípios mais prósperos do Brasil, sobretudo no ano de 1956, no qual juntamente com outros quatro municípios, classificou-se como o de maior progresso num concurso promovido pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBGE, 1959).

Entretanto, ocupando uma posição periférica no cenário econômico nacional, a elite capixaba viu na industrialização uma saída para a dependência em relação ao café, cuja imprevisível oscilação dos preços – de acordo com os ditames do mercado internacional – era prejudicial à economia local. Na década de 60, o GERCA (Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura) elaborou um plano com o objetivo de reduzir a produção cafeeira (CASTIGLIONI & DALAPICOLA, 2007).

A proposta era que fossem erradicados os cafezais antieconômicos. Assim, o plano de erradicação foi levado à cabo, e no biênio 1966/1967 foram destruídos em todo Brasil, 655 milhões de cafeeiros, que liberaram 674 mil hectares de terra. Somente no Espírito Santo, foram destruídos 235 milhões de pés-de-café, o que equivale a cerca de 35% do total nacional, e liberados 293 mil hectares de terra (VALADÃO, 1999).

As terras liberadas pelo café não ficaram livres para o pequeno agricultor pobre, que pratica a agricultura de roça, ou seja, desenvolve atividades que visam em primeiro plano à subsistência da própria família. Especialmente nos municípios ao norte do estado, mas não só aí, a terra foi empregada na pecuária, muito menos exigente em termos de cuidados (IBGE, 1979), o que torna menos imperiosa a necessidade de mão de obra.

Ao que nos parece, estava formado um cenário favorável à emigração de muitos camponeses capixabas. Outros fatores contribuiriam para isso, como as freqüentes estiagens prolongadas,

lotes de terra cada vez menores em virtude de sucessivas divisões ao longo das gerações familiares, como veremos adiante na discussão dos resultados da pesquisa empírica.

Os dados do IBGE (1979) vêm ao encontro de nossa suposição. No período 1960/70, a Microrregião de Colatina, foi considerada uma “área de fortíssima evasão” apresentando altas taxas decenais de emigração. Essa mesma Microrregião foi em tal estudo classificada como “antiga área cafeeicultora do Sudeste com introdução crescente de pastagens artificiais e menor importância de atividades ligadas a lavoura”. Além do município de Colatina, ainda são citados os municípios de Barra de São Francisco, Ecoporanga, Nova Venécia, Pancas e São Gabriel da Palha como fortemente expulsões de população.

Nesse contexto, aparece com bastante importância a emigração de capixabas para Rondônia. Fato que se consuma desde os anos 60 do século XX, seu pico apresenta-se no recenseamento realizado em 1980, quando computou-se os dados referentes ao decênio anterior, mostrando que o sentido dessa migração constituiu-se numa opção ao êxodo rural e numa forma de reprodução do campesinato capixaba em terras amazônicas.

Caberá em momento oportuno discorrer também sobre os fatores que fizeram do estado de RO um pólo de atração (em complementação aos já vistos fatores que fizeram do ES um pólo de expulsão), bem como sobre a magnitude da presença dos capixabas naquelas terras.

3.2. Rondônia

3.2.1. Caracterização geo-histórica

O estado Rondônia, cuja capital é Porto Velho é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado na região Norte e tem como limites o Amazonas (N), Mato Grosso (L), Bolívia (S e O), e Acre (O). Ocupa uma área de 238.512,8 km².

Suas cidades mais populosas são Porto Velho, Ji-Paraná, Ariquemes, Cacoal e Vilhena. Seu relevo é suavemente ondulado; 94% do território encontram-se entre as altitudes de 100 e 600 metros. Madeira, Ji-Paraná, Guaporé e Mamoré são os rios principais.

O clima é equatorial e a economia se baseia na agricultura (café, cacau, arroz, mandioca, milho) e no extrativismo da madeira, de minérios e da borracha, esta última responsável por trazer grande riqueza e pujança durante o chamado ciclo da borracha.

Com o declínio da mineração, e a Independência do Brasil, a região perdeu importância econômica até que, ao final do século XIX, com o auge da exploração da borracha, passou a receber imigrantes nordestinos para o trabalho nos seringais amazônicos.

O início da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em virtude da assinatura do Tratado de Petrópolis (1903), constituiu outro poderoso impulso para o povoamento.

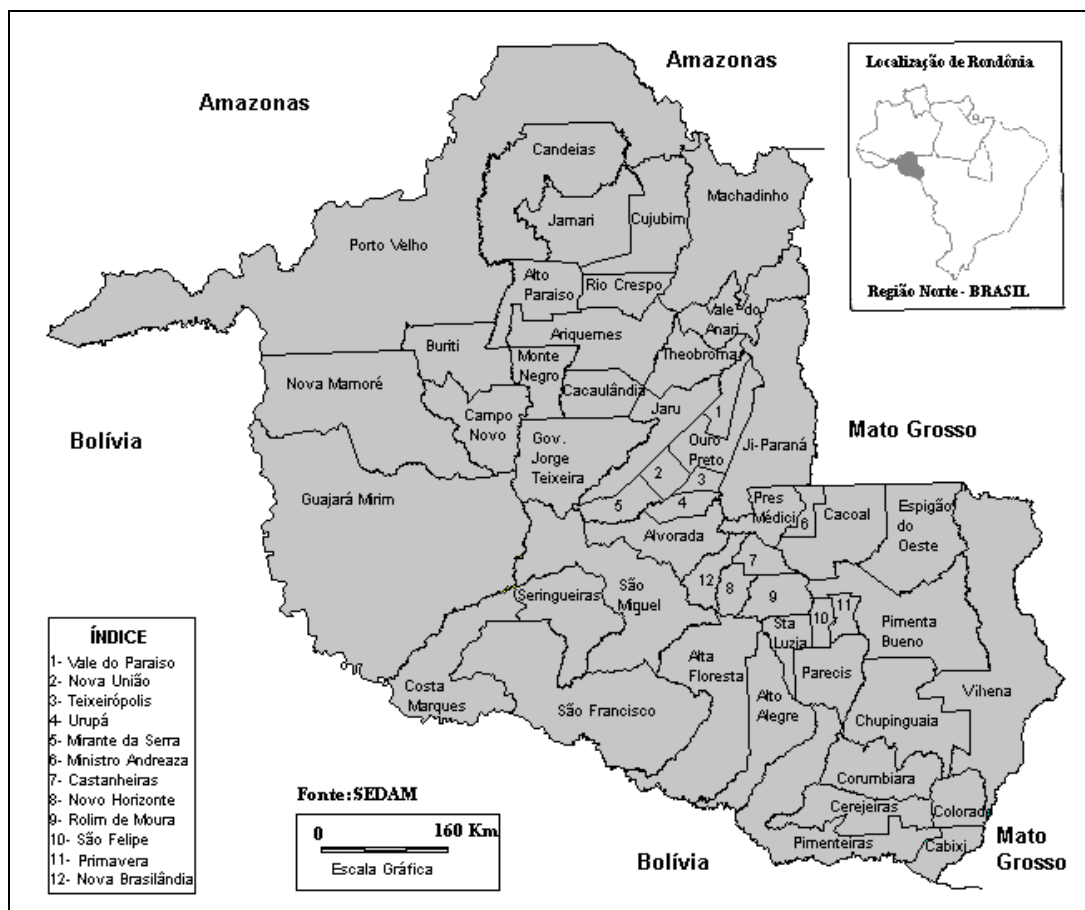
Formado por terras anteriormente pertencentes aos Estados do Amazonas e Mato Grosso, o Estado de Rondônia foi originalmente criado como Território do Guaporé em 1943. A denominação atual foi dada em 17 de fevereiro de 1956, em homenagem ao Marechal Rondon, desbravador dos sertões de Mato Grosso e da Amazônia.

Tal personagem teve grande importância no processo de ocupação do estado, pois coordenou os trabalhos de execução da obra que possibilitou o acesso à região - a linha telegráfica. Em 1907, Rondon foi encarregado pelo Presidente da República, Afonso Pena (1906-1909) de ligar à capital, pelo fio teleográfico, os territórios da Amazônia, do Acre, do Purus e do Alto Juruá, por intermédio de Cuiabá, já em comunicação com o Rio de Janeiro.

Ao término dessa façanha, a qual evidencia o interesse do Estado em garantir a posse da região amazônica, existia um corredor por terra que ligava aquela parte ao resto do país. Por ali, inúmeras famílias migrariam acompanhando o curso da linha telegráfica.

Rondon, além de ter integrado essa região ao resto do país através do telégrafo, também realizou inúmeros trabalhos científicos que visavam o reconhecimento dela, como estudos etnográficos, mineralógicos e cartográficos. Rondon literalmente “colocou a região no mapa” (LINK, 2004). Em 1981, o Território de Rondônia passou a categoria de Estado da Federação.

Rondônia possui atualmente 52 municípios, quase todos recentemente ocupados, com predominância econômica em atividades primárias. Conta com uma população de 1,3 milhões de habitantes, o que corresponde a uma densidade populacional de 5,02 habitantes por km² (IBGE, 2007).



Mapa 1: Divisão política do Estado de Rondônia

Nas últimas décadas o estado de Rondônia sofreu um intenso processo de ocupação populacional, atingindo níveis percentuais nunca registrados, cuja população é oriunda de diversas regiões do País (www.rondonia.ro.gov.br).

Esse crescimento populacional horizontal está associado à consolidação da presença do Estado na Região Norte, que segundo Bahiana (1991) faria parte de uma política oficial voltada para a “problemática geopolítica e os objetivos do desenvolvimento e da segurança nacionais”.

Foram atraídas numerosas levas de migrantes à região dando origem a núcleos que hoje são sedes de municípios, como Cacoal, Ouro Preto do Oeste e Ji-Paraná. Facilidades relacionadas à implantação de rodovias ou a distribuição de lotes de terra contribuíram para levar a cabo tal política oficial.

3.2.2. A atração populacional

O final dos anos 60 e a década de 1970 foram marcados por governos militares, ditatoriais. Uma das bandeiras desses governos era tornar efetiva a ocupação das porções periféricas do país, principalmente a Amazônia. Seria uma questão de soberania nacional, expressa no slogan “integrar para não entregar”. O receio da ameaça estrangeira era constante. Santos (1994, p.28), numa análise marcadamente geopolítica nos diz

[...] que havia o interesse por parte do poder público de incorporar efetivamente esses territórios de fronteira ao espaço nacional. Os interesses por trás dessas intenções são estratégicos, geopolíticos, econômicos, a partir da introdução de formas empresariais de exploração econômica do solo.

Para efetuar a ocupação de tais áreas periféricas são oferecidos incentivos, notadamente a doação de terras, de sementes, assistência técnica, facilidades para obtenção de financiamentos bancários, etc. Criam-se, com isso, as chamadas “frentes de expansão”.

Os imigrantes que se deslocam para essas novas áreas funcionariam como “desbravadores”, desencadeadores das transformações econômicas pretendidas, após o que grandes grupos tenderão a deslocar-se “espontaneamente” para esses lugares (SANTOS, 1994).

Castiglioni (1984) corrobora, registrando que a migração para RO foi estimulada por “la politique de colonisation des frontières agricoles, la construction de routes, l’existence de richesses minérales et de terres hautement fertiles”, em consonância também com “facteurs

fortement repulsifs existant dans les zones agricoles traditionnelles des régions plus peuplées: la mécanisation de l'agriculture, l'intensification de l'élevage, l'agriculture visant l'exportation", presentes em outras unidades da federação.

Segundo essa autora, a população de RO passa de 69.792 habitantes em 1960 à 111.064 em 1970 e 491.025 em 1980 (tradução nossa) – a taxa de crescimento mais elevada do Brasil. Não obstante, admite que a dimensão deste fenômeno provocou diversos problemas, como

le surgiment incontrôlé de noyaux urbains, l'occupation des reserves indiens, le déboisement, l'impossibilité du gouvernement de préparer l'infrastructure pour accueillir les flux croissants et de contrôler l'occupation des terres pour les grileiros.

Em 1967/68, o governo divulgou a existência de terras férteis no Norte do país, enfocando especialmente o território de Rondônia. Também em 1967, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) começou a gerenciar o assentamento de colonos.

Surgiram, assim, vários projetos de assentamento. Nos anos de 1970, o governo criou o Programa de Integração Nacional. Através desse programa visava-se melhorar as condições da região “para a expansão do capital e para minimizar a crise de desemprego no Noroeste e no Centro-Sul, assentando, em projetos de colonização, migrantes dessas duas áreas”.

A primeira tentativa de colonização em massa da Amazônia foi o assentamento de migrantes ao longo da rodovia Transamazônica. Com o fracasso dessa tentativa, o governo começou a incentivar a ocupação de Rondônia, estado que receberia, na década de 1970, um fluxo migratório maior do que qualquer área fronteira no Brasil.

O principal catalisador da atração de imigrantes foram os PIC's (Projetos Integrados de Colonização) ao longo da rodovia BR-364 (BECKER, 1990), que viabilizou a intensa mobilidade horizontal da população, tanto intra como inter-regional. A colonização ao longo da BR-364 fez com que Rondônia tivesse um desenvolvimento extraordinário em termos populacionais, tendo seu número de habitantes aumentado 604% no período 1960- 80 (BARCELLOS & COSTA, 1991).

A maior parte dos municípios do estado de Rondônia apresenta taxas elevadíssimas de incremento populacional, algumas superiores a 1000% no período 1970- 80, como por exemplo, Cacoal (5.536%), Ji-Paraná (1.272%), Pimenta Bueno (1.046%). Ainda referente a

esse aspecto, em todas as Unidades da Federação a população rural cresceu em ritmo mais lento que a urbana, exceto em Rondônia, com um crescimento relativo de 410%, superior aos 284% registrados pela população urbana (Barcellos & Costa, 1991).

3.2.3. Análise dos dados dos Censos Demográficos

Tabela 1: Migração ES-RO e RO-ES

Censos	Fluxos	Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
1960	ES-RO	25	4	29
	RO-ES	11	3	14
	Saldo para RO	14	1	15
1970	ES-RO	559	455	1.014
	RO-ES	12	7	19
	Saldo para RO	547	438	995
1980	ES-RO	17.372	15.393	32.765
	RO-ES	149	130	279
	Saldo para RO	17.223	15.263	32.486
1991	ES-RO	40.591	35.077	75.668
	RO-ES	559	512	1071
	Saldo para RO	40.032	34.565	74.597
2000	ES-RO	43.646	39.834	83.480
	RO-ES	1415	1.530	2.945
	Saldo para RO	42.231	38.304	80.535

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000.

De acordo com os dados apresentados pelos censos, é possível perceber o incremento década a década da presença capixaba em RO. Pelos fatores já expostos que caracterizam a atração deste estado – os PIC's e o eixo rodoviário proporcionando um deslocamento mais adequado - é possível entender por que os camponeses capixabas e também de outras partes do país (gaúchos, catarinenses, paranaenses, mineiros, entre outros) preferiram este estado à outros, nos quais em tese as terras também seriam de baixo valor – norte de Mato Grosso, oeste do Maranhão, sudeste do Pará, áreas inclusive mais próximas ao ES.

O intervalo decenal que mais se destaca no período abordado é 1980-91, quando chegaram a RO, 42.111 capixabas. Em seu limiar, os fluxos migratórios procedentes dos estados do

Espírito Santo e Minas Gerais respondiam por 66% do total de migrantes do Sudeste presentes na região norte (BARCELLOS & COSTA, 1991).

No período 1981-84, a população absoluta de RO dobrou e seu índice migratório de 16% ao ano durante a década de 1980 é o maior que se verificou no país em toda sua história, com exceção de Brasília (BARCELLOS & COSTA, 1991).

4. EFEITOS DA MIGRAÇÃO

4.1. A agropecuária

Segundo Binzstok (2006), os agricultores capixabas emigrados para RO tiveram um importante papel no desenvolvimento de círculos de policultura no entorno das principais cidades do estado, contribuindo para a criação de áreas de produção agropecuária que atendem as demandas urbanas.

No entanto, esse autor admite que ocorre uma divisão em dois circuitos de produção. Enquanto os emigrantes capixabas descendentes de italianos são mais propensos ao cultivo de lavouras permanentes (o café) e a criação de gado para corte, seus pares descendentes de pomeranos atuam notadamente na produção de hortifrutigranjeiros e na pecuária leiteira, comercializadas nas feiras dos núcleos urbanos circum-adjacentes.

Merece destaque nesse contexto o fato de RO ter se transformado num dos maiores produtores nacionais de café conillon. Em 2000 tal produção superou 200 mil toneladas (BINZSTOK, 2006). Em 2006, esse estado produziu 80% da safra de café da Região Norte do Brasil (IBGE, 2008). Para 2008 espera-se que o estado mantenha a posição de segundo maior produtor nacional de café conillon, sendo o ES o maior produtor.

Atualmente é a cultura perene mais difundida no Estado de Rondônia, compondo uma das principais fontes de renda de inúmeras famílias da zona rural. De modo geral, o cultivo do café robusta em Rondônia é feito em pequenas glebas, com baixo nível tecnológico e grande aproveitamento de mão de obra familiar (RONDÔNIA, 2008).

A produtividade média em Rondônia é de 10 sacas/ha, considerada baixa, devido a práticas de manejo inadequadas, baixa fertilidade dos solos, entre outros fatores, enquanto no Espírito Santo esta média chega a 20,48.

Porém o destino do café é outro, bastante distante quando comparado à produção de hortifrutigranjeiros. Conforme cita Campos Jr. (2004), parte desta produção é negociada com comerciantes e exportadores capixabas. Em nosso ver se trata de uma opção irracional, pois a carga percorre por meio de caminhões uma extensão em torno de 3.500 Km dependendo do

município de onde parte com destino à exportação para o mercado internacional via complexo portuário marítimo do ES.

Binzstok (2006) assevera que não obstante a relação preferencial mantida entre os dois estados seria mais seguro e economicamente viável realizar esse transporte pela hidrovia do rio Madeira.

Como vimos na introdução deste estudo, Mello & Théry (2005) delineiam uma correlação entre a presença de capixabas em RO e o pólo de produção cafeeira que este estado representa no norte do Brasil, corroborada pela rede de comércio e transportes descrita por Campos Jr. (2004) e Binzstok (2006).

Em virtude das condições estruturais da produção cafeeira rondoniense, tem-se buscado alternativas de elevar a renda dos cafeicultores. O mercado justo desponta como uma alternativa para reduzir o impacto da baixa produtividade e dos altos custos logísticos para escoar a produção. É um selo concedido por organizações não-governamentais (Ongs) de países desenvolvidos, que avaliam aspectos éticos ligados à comercialização, procurando valorizar a produção familiar de países em desenvolvimento (RONDONIA, 2008).

Os Projetos Integrados de Colonização (PIC's) - que viabilizaram o uso agrícola do solo rondoniense - ocuparam uma faixa de 100 km ao lado da BR-364. Várias linhas partiam transversalmente desta rodovia em direção aos sertões do estado. Ao longo dessas linhas foram distribuídos lotes, com área aproximada de 100 ha.

A consolidação da ocupação dos lotes criados nas linhas iniciou um vertiginoso processo de desflorestamento, como pode ser observado na imagem que segue:

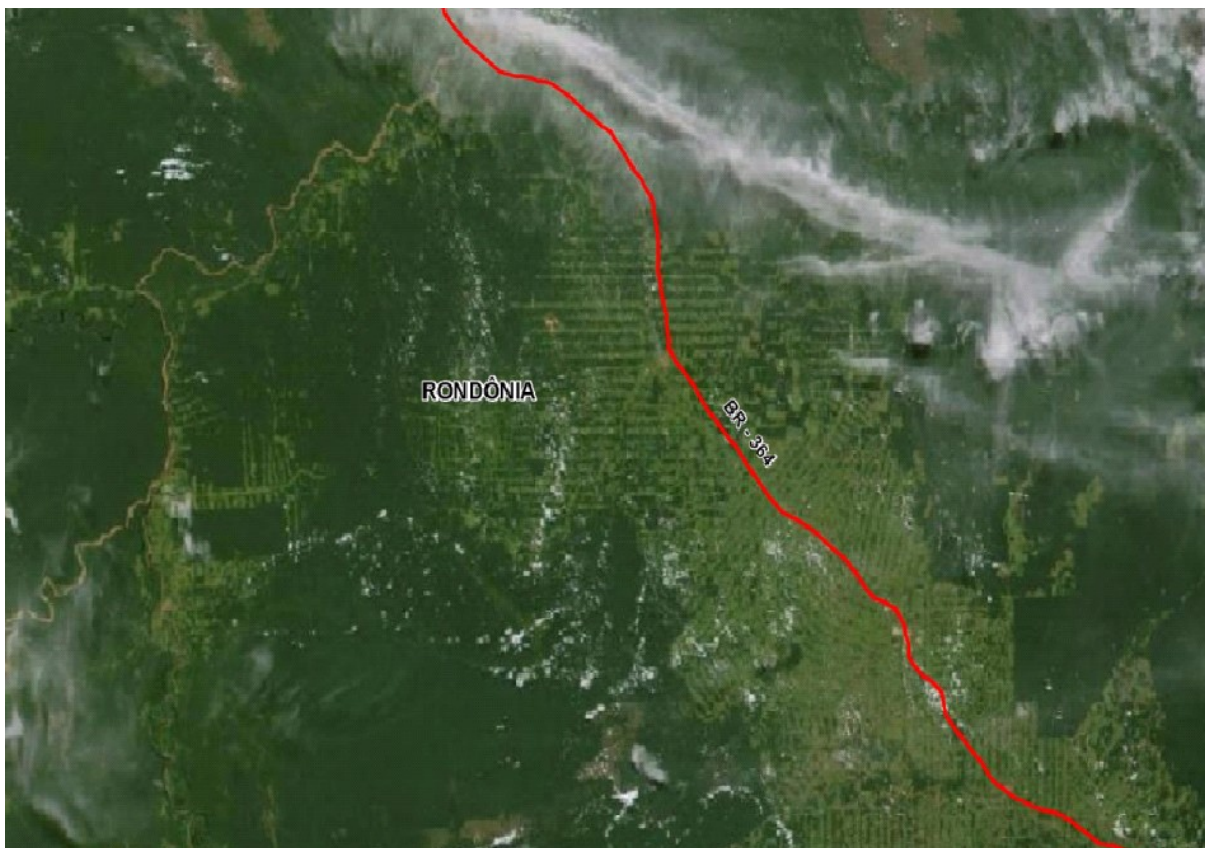


Foto 1: Imagem de satélite evidenciando o desmatamento da floresta ao longo das linhas de colonização. Tal processo foi potencializado pela abertura e pavimentação da rodovia BR-364. Fonte: Jacques Descloitres, MODIS Land Rapid Response Team.

Observando a localização da rodovia BR-364 em RO, é possível associar a presença da via de transporte citada com as áreas desmatadas, e mensurar a magnitude de tal processo de desflorestamento em relação à área total do estado.

4.2. A rede de fluxos

A principal ligação entre o Espírito Santo e Rondônia atualmente se traduz na linha de ônibus que parte de Colatina com destino a Porto Velho e vice-versa.

Existe um consórcio formado por seis empresas – Águia Branca, Eucatur, Gontijo, Itapemirim, Pretti e Real Norte – responsáveis por partidas diárias para RO.

Há, porém, épocas distintas no que tange à frequência. Nos meses de abril, maio, junho, época da colheita do café em ambos os estados, o fluxo é baixo, fazendo com que algumas partidas sejam aglutinadas a cada dois dias. Já o mês de julho, somado ao período compreendido entre o final de novembro e fevereiro são épocas de alta procura por passagens, o que demanda a saída de carros extra na linha.

O itinerário dura aproximadamente 48 horas, por cinco estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Rondônia. São três paradas diárias, para café da manhã, almoço e jantar com tempo previsto de 15 a 30 minutos cada uma delas.

Os pontos de embarque são, além de Colatina, João Neiva, Vitória, Venda Nova do Imigrante (ES) e Belo Horizonte (MG). Já em Rondônia os desembarques acontecem nas cidades de Pimenta Bueno, Cacoal, Presidente Médici, Ouro Preto, Ji-Paraná, Jaru, Ariquemes e Porto Velho.

Além do transporte realizado pelas empresas integrantes do Consórcio, existem ainda outras três viagens – São Gabriel, Dois Irmãos e Transacreana - que viajam entre os dois estados amparadas em liminar concedida pela justiça.

Um depoimento colhido pouco antes do embarque no Terminal Rodoviária de Colatina, no dia 26/12/2007 dá conta que *“atualmente vão poucas mudanças no ônibus, são mais pessoas que viajam a passeio entre aqui e lá; antigamente no porão do ônibus ia geladeira, televisão, moto, fogão, etc”* (LRM, 72 anos – informação verbal).

A dimensão que pode ser dada à emigração e à presença dos capixabas em Rondônia pode ser mais bem compreendida quando se leva em conta que de todas as 27 capitais brasileiras, apenas três ligam-se diretamente a Colatina – Vitória (à 135 Km), naturalmente por ser a capital do Espírito Santo, São Paulo (à cerca de 1000 Km), o maior centro econômico, financeiro, industrial e cidade mais populosa do país e Porto Velho, o que evidencia a magnitude dessa emigração principalmente quando se põe em relevo a distância do percurso – aproximadamente 3700 Km.



Foto 2: Painel informativo da Viação Itapemirim no Terminal Rodoviário de Colatina.
Fonte: O autor (2007)

Se hoje uma viagem de 48 horas parece cansativa, os primeiros capixabas emigrados para a Amazônia Meridional chegaram a enfrentar jornadas de uma semana, em caminhões abertos (paus-de-arara) por estradas sem pavimentação, recém abertas, sujeitos a todo tipo de sorte (MOURA, 2008).

A respeito das condições com as quais os imigrantes se deparavam durante a viagem e quando chegavam a RO (neste caso não só os capixabas) é interessante o seguinte relato, encontrado na *web* (www.rondoniainfoco.com.br), um tanto poético, mas que não deixa de expressar a realidade vivida por esses migrantes:

A colonização de Rondônia foi um fuzuê de gente e sonho. A BR 364 era formigueiro de ônibus e paus-de-arara. Neles vinham de um tudo. Porco, lata, vaca de estimação, caixaria de saudade, galinha, farofa azeda, carne frita em conserva, meninos remelentos, cantis d'água.

Tudo abafado por dentro. Nem banho, nem dente escovado, nem nariz assoado. Era a aventura que anestesiava o desconforto do corpo, enchia a mente de esperança, aquela vontade de ser gente, de ser dono de um pedaço de terra, de viver no que é seu, tudo isto era bem forte, que abafava a agonia da longa travessia de Cuiabá aos assentamentos de Rondônia.

A BR 364 cortava-a ao meio (várias cidades), lama e buraco. No mais era a febre da terra. Os PIC e PAD (assentamentos). O Padre Ludovico, barbudo, italiano, cara de nobre, altivo, controlava a fê do povo. Também brigava pelo direito à terra a quem merecesse (MOURA, 2008).

4.3 Alterações sócio-demográficas

4.3.1 Composição étnica

A entrada de migrantes em uma determinada localidade pode alterar de forma mais ou menos sensível determinadas variáveis demográficas. No caso em questão, analisamos a influência em três variáveis – a etnia, a razão de sexos e a estrutura etária.

Como foi constatado em uma pesquisa realizada através dos sítios eletrônicos das prefeituras de vários municípios rondonienses, os capixabas contribuíram para um “embranquecimento” da população de várias cidades.

Segundo fragmento extraído da página online da Prefeitura de Espigão d’Oeste, o tipo característico

[...] predominante em Espigão do Oeste é o tipo alto, pele branca, porém avermelhada pelo sol, cabelos lisos e loiros, trajes simples. É o tipo representado pelos descendentes de alemão, que vieram do Estado do Espírito Santo e são chamados popularmente de "capixabas".

4.3.2 Razão de sexos

Quanto à razão dos sexos, que é o número médio de homens para cada grupo de 100 mulheres é sabido que áreas de ocupação recente, onde prevalecem atividades duras, geralmente ligadas ao desflorestamento e a preparação dos solos, sobressai de forma mais acentuada o sexo masculino (BEAUJEU-GARNIER, 1980).

Também no caso em questão, como já demonstrado em pesquisa anterior, é comum irem primeiro os homens, que tomarão as providências mais grosseiras em relação ao preparo do terreno e das estruturas das quais necessitarão para suas atividades, enquanto os demais membros (crianças, idosos e mulheres) migram depois (CASTIGLIONI & DALAPICOLA, 2007).

Nesse sentido, é possível observar uma predominância do sexo masculino sobre o sexo feminino entre os capixabas emigrados, como se pode verificar na tabela.

Tabela 2: Índice de Masculinidade entre os emigrados capixabas para RO

Ano	Homens	Mulheres	Saldo Masculino	IM
1960	14	1	13	1400
1970	547	438	109	124
1980	17223	15263	1960	112
1991	40032	34565	5467	116
2000	42231	38304	3927	110
Total	100.047	88.571	11.476	113

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000.

Também conhecido como índice de masculinidade, é o quociente entre o total de pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino (x 100).

Por sua vez, se levada em consideração no ES apenas o índice de masculinidade dos imigrantes rondonienses, este seria baixo, predominando aqui o sexo feminino sobre o masculino entre os provenientes do estado amazônico.

A tabela a seguir apresenta dados que corroboram com o afirmado acima.

Tabela 3: Índice de Masculinidade entre os imigrantes rondonienses no ES

Censos	Homens	Mulheres	Saldo Masculino	IM
1960	11	3	8	366
1970	12	7	5	171
1980	149	130	19	114
1991	559	512	47	109
2000	1415	1530	-115	92
Total	2146	2182	-36	98

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000

4.3.3 Estrutura Etária

Áreas que apresentam grande dinâmica migratória podem ter sua estrutura etária afetada pela migração, notadamente em casos em que o processo de seletividade se dá por idade. A influência desta variável é verificada tanto em áreas de origem como em áreas de destino de migrantes.

No que tange a tais modificações, uma preocupação central coloca-se na proporção de idosos, tidos como improdutivos e um “fardo a ser carregado” pela família. Numa abordagem mais sensata, as preocupações quanto ao crescimento/predomínio deste grupo numa determinada No que tange a tais modificações, uma preocupação central coloca-se na proporção de idosos,

tidos como improdutivos e um “fardo a ser carregado” pela família. Numa abordagem mais sensata, as preocupações quanto ao crescimento/predomínio deste grupo numa determinada população relaciona-se com fatores como o aumento dos gastos previdenciários e maior demanda por serviços de assistência sociais e de saúde.

Berquó (1996) enfatiza que como consequência da queda dos índices de fecundidade, a partir dos anos 1980 o peso relativo do grupo etário com mais de 65 anos passa a aumentar no cômputo geral da população brasileira.

O crescimento da população idosa afeta diretamente a razão de dependência, mesmo levando em conta que um número elevado deles ainda participe da vida econômica de suas famílias (e indiretamente do país). Entretanto é possível observar que a participação dos idosos na força de trabalho declina com o desenvolvimento, quando este oferece às pessoas mais velhas aposentadorias decentes que lhes permitam desfrutar uma velhice tranquila.

Se já existe uma tendência natural para o envelhecimento da população, independente da atuação do fator migração, o que pode acontecer então com áreas de repulsão populacional comandadas pela seleção por idade?

Em outra pesquisa desenvolvida por nós (DALAPICOLA & CASTIGLIONI, 2008), tratando de migração de comunidades rurais do interior do ES, comprovamos a existência de elevada proporção de idosos, como consequência da emigração de um elevado percentual de jovens, concretizando a tendência de que o percentual de idosos aumenta em regiões de partida e diminui em regiões de chegada de migrantes.

Na comunidade associada ao contexto dessa pesquisa – São João da Barra Seca, interior de Colatina, a pirâmide etária possui o seguinte formato:

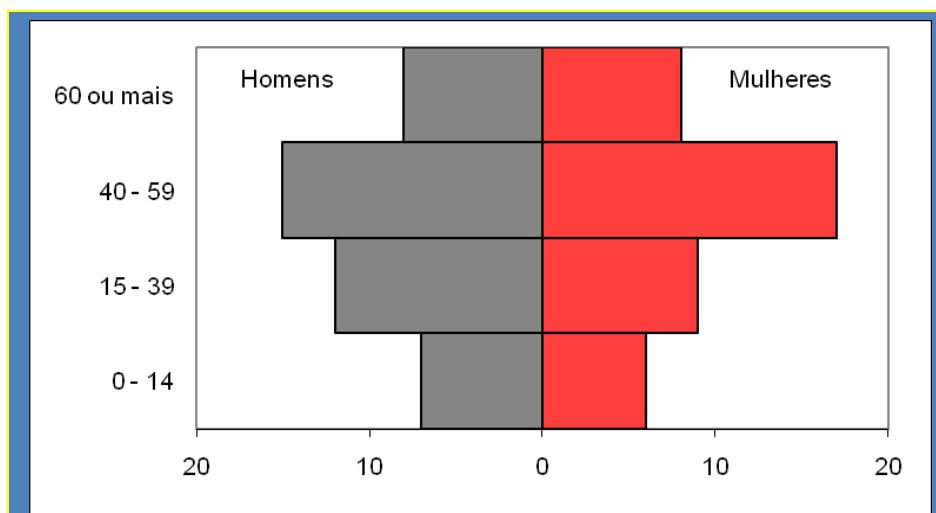


Gráfico 1: Pirâmide etária de São João da Barra Seca, Colatina, ES -2007.

É oportuno salientar ainda que nesta mesma comunidade encontramos um alto percentual de pessoas que afirmaram conhecer emigrantes que se dirigiram para RO, tornando este o destino procurado por (27%) daqueles que deixaram a comunidade, depois da zona urbana de Colatina (38%), da Grande Vitória (31%).

Cabe destacar que entre no recorte temporal adotado, a proporção de pessoas com mais de 60 anos no total da população mais que dobrou no Sudeste brasileiro, passando de 4,29 em 1960 para 9,30 em 2000 (incremento de 116%), enquanto no norte do país esse crescimento foi de uma ordem bem inferior, saltando de 3,72 em 1960 para 5,48 em 2000 - crescimento de 47% (IBGE, 1960, 2000) .

Neste tópico ainda merece atenção o papel desempenhado pelas migrações de retorno, que podem contribuir para aumentar ainda mais a taxa de envelhecimento de um local. Pode-se até mesmo afirmar que contribuem para isso de uma forma dupla, quando se tratam de pessoas que deixaram um local durante a juventude e a ele retornaram depois de atingida uma idade mais madura, já aposentados.

Como constatado na entrevista realizada junto aos transeuntes nos terminais rodoviários, 10% deles pretendem retornar para o ES com suas famílias, 7% o farão, mas individualmente e 30% ainda não sabem se voltarão ou não.

4.4 Idiomas minoritários

Entre as inúmeras minorias linguísticas de Rondônia, nem todas são autóctones. Consta-se em diversos municípios o uso do idioma pomerano, levado pelos imigrantes capixabas, originários das antigas colônias germânicas do ES (LINK, 2004).

4.5 Religião

Conforme Link, a história dos luteranos em Rondônia inicia no final da década de 1960 e início da década de 1970, compostos majoritariamente por pomeranos provenientes do Espírito Santo.

O mesmo autor afirma que “no Espírito Santo, seus antepassados foram assentados numa terra com baixa densidade populacional, pois os indígenas que ali habitavam haviam sido exterminados. Em Rondônia, o choque cultural com os indígenas estava em seu auge (LINK, 2004)”.

Enfatiza ainda a dialética dos papéis desempenhados por tais indivíduos, tanto de objeto quanto de sujeito. Numa análise sociológica, ainda remete seus estudos à questão da organização social específica dos pomeranos, que tendem segundo esse autor a migrar mais para outras áreas rurais em busca da reprodução de seu modo de vida do que para áreas urbanas, onde se aculturariam a um modo de vida diverso. Daí resulta a escolha – quando estavam na condição de sujeitos – por RO.

Scheffler (2008) afirma que

As enormes dificuldades enfrentadas para conseguirem as primeiras plantas, o confronto de culturas, o clima úmido, a certeza de que encontrariam a sua casa – oikos, fez com que centenas de pau-de-arara (caminhões carregados de tudo e todos) viessem em colunas do Estado do Espírito Santo e alguns da região sul, para Rondônia.

Não obstante tais dificuldades, tal fluxo migratório ainda opera, embora não apresente a mesma pujança do passado, como nos apresenta a tabela a seguir:

Tabela 4: Trocas migratórias entre o Espírito Santo e Estados da Federação selecionados, em 2000, considerando a residência em 31.07.1995

UF	Destino	Origem	Saldo
Rondônia	2.116	7.754	-5.638
Minas Gerais	38.516	29.529	8.987
Rio de Janeiro	28.927	18.250	10.677
Bahia	31.743	14.447	17.296

Fonte: Equipe Agenda Vitória: Dinâmica Populacional, com dados do IBGE, Censo de 2000

5.0. ESTUDO DE CASO COM PESSOAS NATURAIS DO ESPÍRITO SANTO REDIDENTES EM RONDÔNIA

5.1. Metodologia

O instrumento de pesquisa constitui-se num questionário semi-aberto composto por 19 questões, aplicados em dois locais de trânsito de capixabas residentes em RO, que retornavam a este estado. Para tal, optou-se pelo Terminal Rodoviário de Colatina, de onde parte a linha com destino a Porto Velho, e posteriormente, aplicou-se o mesmo questionário no Terminal Rodoviário de Vitória. No primeiro, a pesquisa realizou-se entre os dias 26 e 29/12/2007. No segundo por sua vez, o instrumento foi aplicado entre as datas de 11 e 13/01/2008. A escolha dos 30 entrevistados deu-se em razão da aceitação ou não das pessoas abordadas responderem o questionário. Não foram raros os casos em que houve recusa por parte desses.

Os dados obtidos foram organizados e submetidos à aplicação de métodos para sintetizá-los e representá-los de modo a facilitar a compreensão da totalidade.

5.1.1. Possíveis discrepâncias e seus efeitos

Outra advertência ao leitor deste trabalho gira em torno dos dados obtidos através do instrumento de pesquisa. Devido a fatores como o perfil de baixa escolaridade que prevalece entre a maioria dos migrantes (uma característica da seletividade), ao fechamento social de outra parte deles, foi notado a omissão de respostas em certos questionamentos ou a impessoalidade na resposta de outros. Como veremos, tal problemática é comum, sendo que Singer (1976) questiona a fidedignidade das respostas dadas pelos inquiridos.

Por fim, em se tratando de um grupo social medianamente fechado, procurou-se nos questionamentos não investigar de forma muito aprofundada tópicos relacionados a sorte econômica desses migrantes e de seus familiares, para que não houvesse a denotação de que se tratasse de uma pesquisa de caráter eminentemente econômica, o que poderia causar desconforto ou desconfiança nos indivíduos que viessem a ser abordados.

5.2. Caracterização do grupo investigado

Um fator importante associado à investigação e compreensão de dados científicos tange à caracterização do grupo alvo da pesquisa. Dessa forma, buscamos organizar e sintetizar informações prestadas pelos inquiridos no instrumento de pesquisa, com vistas a uma contextualização do ambiente socioeconômico e demográfico de onde emergem.

Em relação à idade, os entrevistados se dividem nos seguintes grupos:

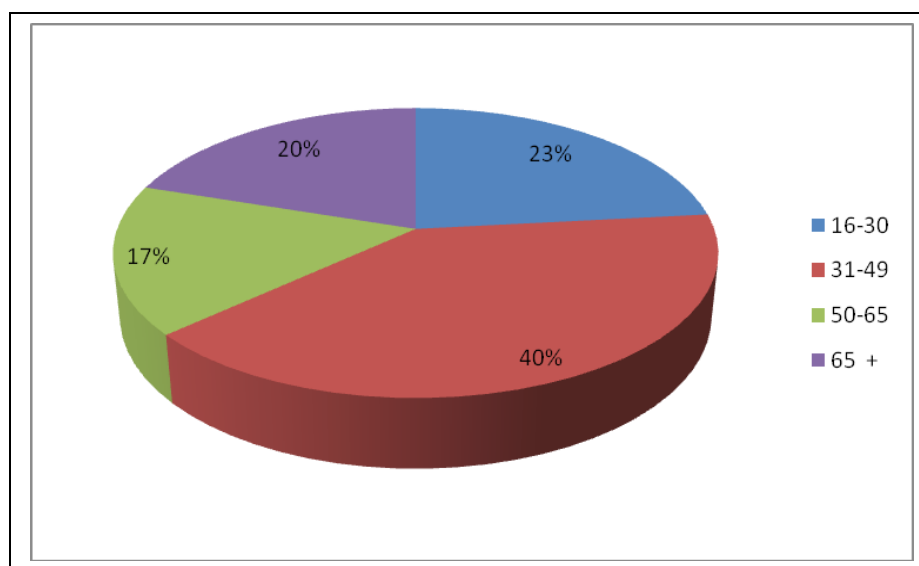


Gráfico 2: Idade dos entrevistados

Dadas as condições desconfortáveis de uma viagem rodoviária de aproximadamente 48 horas, percebe-se o predomínio do grupo com idades entre 31 e 49 anos entre os viajantes entrevistados, mais aptos a suportarem essas condições do que os mais jovens ou aqueles já idosos. Além do mais, esse é um grupo no qual como veremos adiante, a maioria das pessoas já estão casadas, assumindo as responsabilidades e funções de chefe de família, entre elas, manter a ligação com o antigo local de residência e os parentes e amigos não-emigrados.

Do total de entrevistados, 64 % são casados, conforme apresenta o gráfico 3.

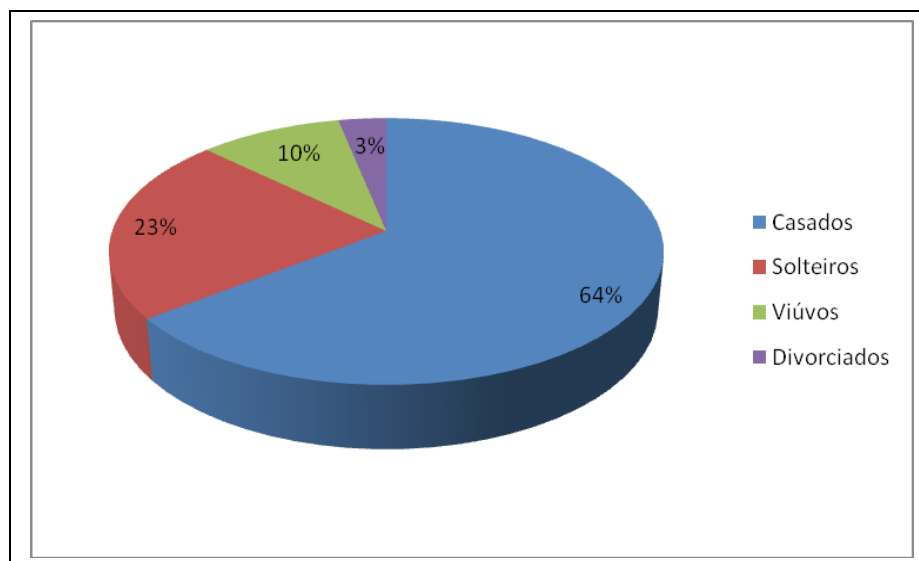


Gráfico 3: Estado civil

Como era de se esperar, em virtude do fluxo campo-campo que caracteriza a emigração dos capixabas que se dirigem para RO, tem-se entre as ocupações declaradas pelos inquiridos o predomínio de funções ligadas à atividade agropecuária (agricultor/lavrador), ou outras que podemos classificar como de suporte a ela (pecuarista, dona-de-casa, tratorista). Apenas um pequeno grupo (estudante, funileiro) ocupa-se em áreas não diretamente ligadas à agricultura.

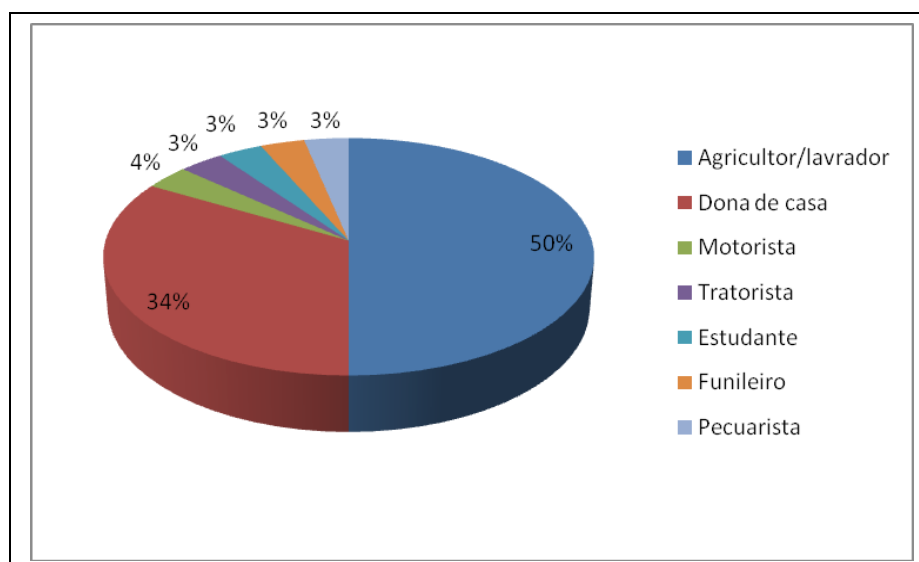


Gráfico 4: Ocupação

Um dos fatores primordiais que deve ser considerado no estudo das migrações é a seletividade, que em virtude das características apresentadas pelo grupo envolvido no

contexto, age reforçando ou diminuindo seus fluxos, bem como sendo um importante veículo de transformação tanto para as áreas que recebem como para as áreas que perdem população. Entre os principais fatores que caracterizam a seletividade, tem-se dado um papel destacado à escolaridade, pois esta implica em perdas econômicas para a região de emigração, em virtude do gasto com a formação educacional dos indivíduos, sendo que o oposto vale para as áreas de imigração.

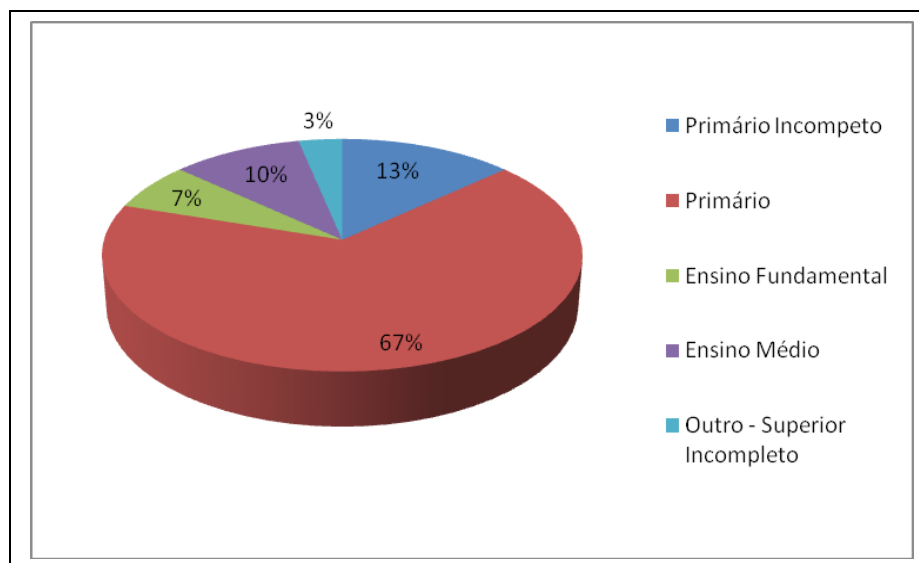


Gráfico 5: Escolaridade

O alto percentual de indivíduos que tem como formação máxima atingida o primeiro ciclo do ensino fundamental (antigo primário, 80%), pode ser explicado pelo fato de essas mesmas pessoas, por se tratarem em sua maioria de camponeses, terem sentido pouca aptidão a emigrarem para outros destinos, as cidades, por exemplo, em virtude das poucas chances de inserção no mercado de trabalho com as quais poderiam se defrontar. Ressaltam-se ainda as escassas oportunidades de estudo que muitos que chegaram a RO jovens tiveram, em virtude de fatores como a falta de estrutura, as enormes distâncias, o isolamento de muitas comunidades na selva, etc.

Atualmente, depois de certo fortalecimento da rede de cidades, da melhoria do sistema de transportes e comunicações, tornou-se possível um acesso maior à escola. Porém, como mostra o gráfico a seguir, o auge da chegada dos sujeitos inquiridos a RO deu-se nos anos 1980, sendo que a ausência dessa estrutura agora criada limitou a possibilidade de estudo.

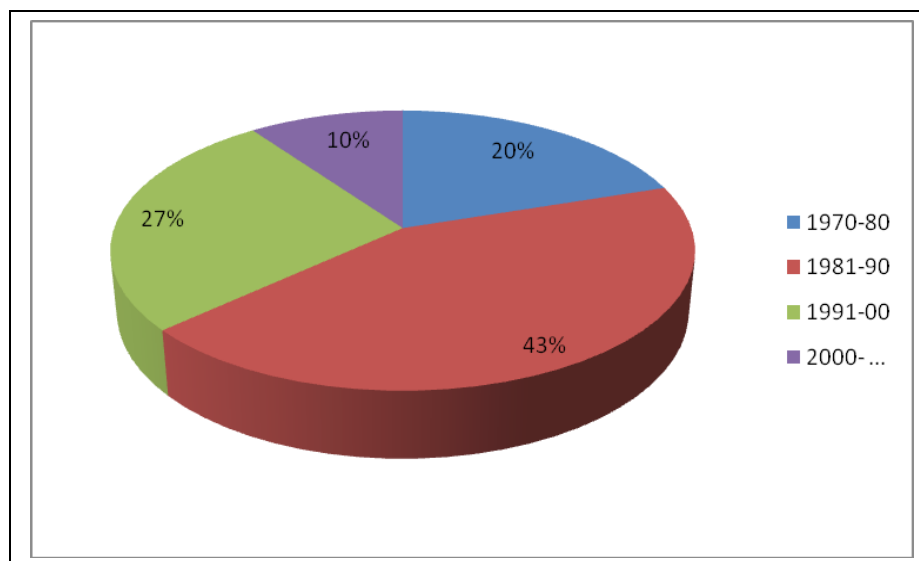


Gráfico 6: Década da emigração

Entre os emigrados inquiridos, a condição de residência anterior à emigração, no ES, era concentrada no campo – 90%. Tais indivíduos distribuíam-se pelos seguintes municípios:

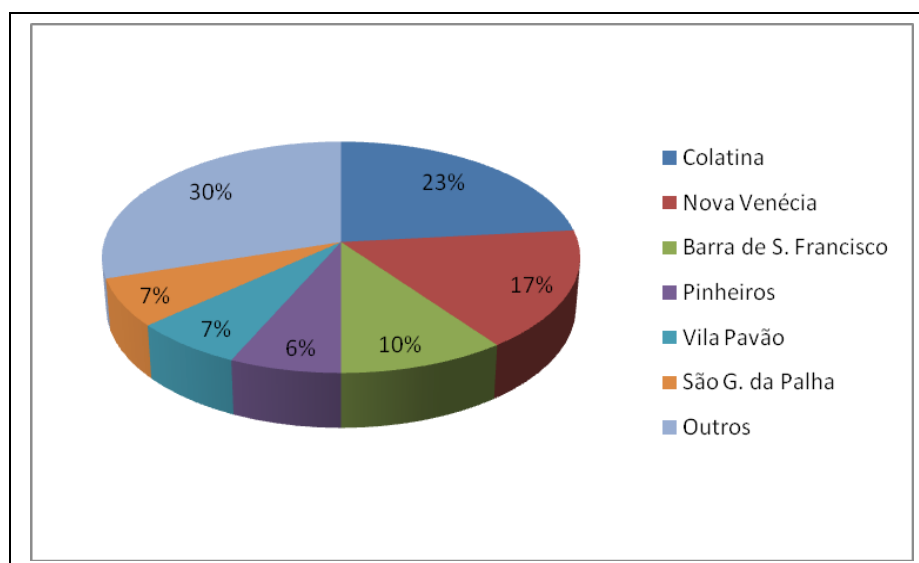


Gráfico 7: Município de residência anterior a emigração

Cabe ressaltar que como essa emigração tem acontecido desde a década de 60, uma parte dos emigrados entrevistados, depois de decorrido certo tempo, fez em RO a opção por residir nos centros urbanos. Assim, há um ligeiro descompasso entre a condição de residência anterior e atual – agora, 80% dos entrevistados habitam no campo, sinalizando o início de um processo de êxodo rural intra-estadual em RO.

Os municípios de residência atual dos emigrantes capixabas alvos da pesquisa estão expressos no gráfico seguinte.

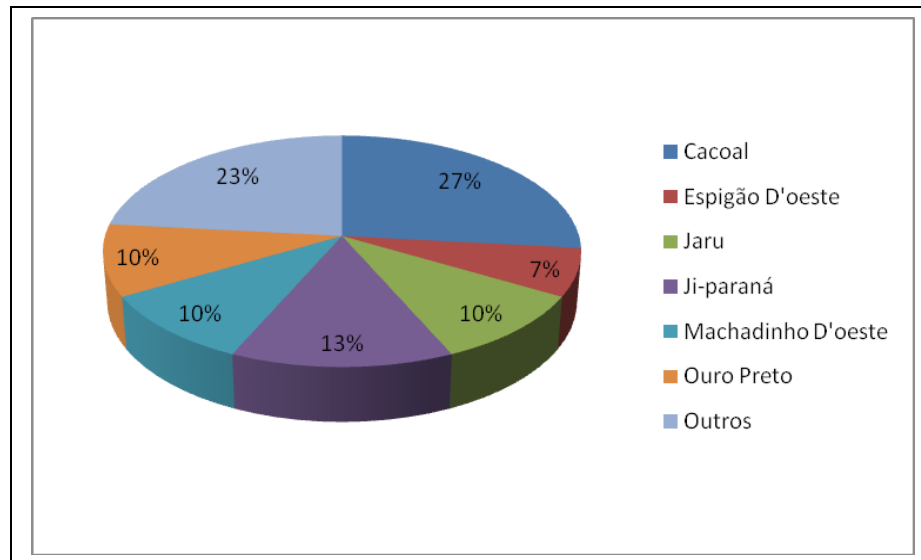


Gráfico 8: Município de residência atual.

Nota-se que se tratam de municípios situados as margens da rodovia BR-364, a Cuiabá-Porto Velho, que como já exposto foi um dos fatores mais importantes que propiciaram a ocupação dessas terras.

5.3. Análises dos dados obtidos

5.3.1. O grupo de migração

Uma das questões cruciais para o imigrante é a adaptação ao seu novo lugar de residência. Esse fator pode determinar o sucesso ou não de sua empreitada. A esse respeito, duas considerações devem ser feitas.

Primeiro, adapta-se melhor ao novo local de residência o indivíduo mais bem preparado, ou seja, aquele que atendeu de forma mais satisfatória as exigências (muitas vezes implícitas) da seletividade.

Em segundo lugar, destaca-se a importância que o grupo desempenha na migração. A esse respeito, Beaujeu – Garnier (1980) supõe que muitas pessoas se sentem impelidas a migrar para ficar perto de um ente muito querido (familiar ou amigo) já emigrado. Já Potengy(1980) afirma que um laço familiar no local de destino do migrante pode ser fundamental para o êxito desse processo de adaptação, expressos principalmente no apoio em termos de habitação, alimentação e procura de emprego, além obviamente de suprir em parte a falta de outros familiares que não emigraram.

Não obstante, Lee (1980) acrescenta que a migração opera para aumentar a migração, por que são muito mais propensos a migrarem pessoas que já migraram uma vez ou que possuam algum conhecido que já o tenha feito do que aqueles que ainda não o fizeram.

Entre o grupo inquirido, apenas 10% emigrou sem a família, (só: 2 indivíduos; acompanhado por amigos: 1 indivíduo), o que demonstra claramente a compreensão de que a unidade familiar seria um importante fator no sucesso da jornada.

Cabe ainda ressaltar que entre o grupo que emigrou acompanhado da família, 36 % destes o fizeram não só acompanhados do núcleo principal (esposa, filhos, pais), mas também de outros familiares, como tios, sogros, genros, primos e cunhados. Podemos inferir então, que havia entre os emigrantes capixabas um conhecimento prévio acerca das condições que viriam a encontrar em Rondônia, e que com base nesses conhecimentos, boa parte desses indivíduos apoiou-se num grupo maior para emigrar, o que tornariam maiores as chances de superar prováveis dificuldades.

5.3.2 As causas da migração – fatores de atração (RO)

As teorias que discorrem sobre as causas das migrações são focadas principalmente sob o ponto de vista econômico. Assim, os indivíduos tendem a deslocar-se de um local para outro na busca de melhores oportunidades de rendimento, elevando assim seu padrão de vida.

Entre os inquiridos, o desejo de melhorar de situação financeira prevaleceu entre as causas que os fizeram se deslocar do ES para RO. Apenas 6,5% do total não levaram em conta esse fator quando se decidiram mudar – um inquirido afirmou que migrou sem ter motivo nenhum, ao passo que outro afirmou que foi para RO “*por que tava todo mundo indo*”(informação verbal não identificada).

Como vemos, explicações simplistas e sem reflexão do processo no qual estão inseridos fazem parte do universo de tais pessoas. Não obstante, no item 2.1 deste trabalho, advertimos sobre a capacidade dessas pessoas informarem e os efeitos sobre o estudo.

Para o restante dos entrevistados, entre o desejo de melhor sorte econômica, foi citada a possibilidade de se tornar proprietário de terras (nos casos daqueles que no ES eram meeiros ou assalariados), a aquisição de maior quantidade de terras a preços baixos (para os que aqui eram pequenos proprietários), e o custo de vida mais baixo.

Todos os fatores supracitados foram visualizados pelos sujeitos dessa pesquisa como meios de propiciar uma melhoria no nível de vida, em contraponto à situação na qual se encontravam no ES, como veremos adiante.

Becker (2004) afirma que entre 1980 e 1990 a migração inter-regional no Norte do Brasil cresceu 10%, sendo que Rondônia e Pará constituíram-se nos principais destinos dos migrantes, que respondiam respectivamente por 37% e 36% dos efetivos populacionais dos mencionados estados.

5.3.3 As causas da migração – fatores de repulsão (ES)

Importantes transformações estruturais ocorreram na economia capixaba no período compreendido entre o fim dos anos 60 e início dos anos 80.

No que tange ao campo, conforme já explicitado anteriormente, as terras liberadas pelo café no Plano de Erradicação levado a cabo pelo GERCA não ficaram livres para o pequeno agricultor pobre, que pratica a agricultura de roça. Especialmente nos municípios ao norte do estado, mas não só aí, a terra foi empregada na pecuária, muito menos exigente em termos de cuidados (IBGE,1979).

Entre outros fatores que estimularam a emigração, os entrevistados destacaram dois, sendo um de cunho natural-climático e outro de cunho demográfico. No primeiro caso, 33% afirmaram que as freqüentes estiagens se constituíam como um grande obstáculo à permanência no campo, em virtude da perda parcial ou total de algumas colheitas, que lhes imputavam severos prejuízos.

Do ponto de vista demográfico, a falta de terras para deixar como herança aos muitos filhos em famílias numerosas constituiu-se numa preocupação por parte de 40% dos inquiridos.

Como se vê, apesar das diferentes nuances, a questão econômica quase sempre se sobrepuja em se tratando das motivações do fenômeno migratório.

5.3.4 Conhecimento acerca de outros migrantes

Questionados sobre a possibilidade de outras pessoas da mesma comunidade onde residiam no ES terem emigrado para RO, 83% dos entrevistados responderam afirmativamente. Entre estes, um terço afirmou ainda que além de suas próprias famílias, no mínimo mais uma também emigrou.

As informações fornecidas por aqueles que emigraram anteriormente se constituem numa poderosa forma de argumento para aqueles que ainda pensam em migrar, uma vez que lhes são acenados mais detalhes sobre o possível futuro local de residência. Assim, quaisquer dúvidas podem ser elucidadas, contribuindo tanto para o aumento quanto para a diminuição dos fluxos entre as regiões em questão.

Já levando em consideração a área de imigração, 97% dos inquiridos disseram conhecer outras pessoas provenientes do ES. Os dados levantados dão conta que em alguns municípios

o número de capixabas é tão expressivo que chega a alcançar 50% do total da população, como afirmaram três pessoas residentes em Cacoal e um residente em Nova União.

Mesmo desprovida de dado científico, as informações prestadas pelos sujeitos no instrumento de pesquisa não deixam de mostrar uma realidade já comprovada pelos dados dos censos. Para outros pesquisados, a quantidade de capixabas em suas respectivas regiões no estado de RO é tão significativa que chega ser difícil mensurar. Afirmaram então que “*não dá pra ter noção*” ou “*é difícil ter idéia*” sobre o assunto.

5.3.5 Relações e frequência de viagens ao ES

A totalidade dos participantes da pesquisa afirmou que o único tipo de relação que mantém com o Espírito Santo são as ocasionais visitas a parentes e amigos não-emigrados. Não foi citado por nenhum deles a permanência de laços econômicos pós-migração.

É provável que alguns capixabas que emigraram para Rondônia mantenham ainda no Espírito Santo algum tipo de negócio. Entretanto, é ainda mais provável que tais pessoas tenham um melhor nível de vida e que por esse fator viajem pouco de ônibus, recorrendo mais ao transporte aéreo, modal este não investigado na pesquisa.

Quanto à frequência com que realizam tal viagem, prevalece de forma discreta sobre os demais grupos, aquele que a realiza uma vez a cada biênio.

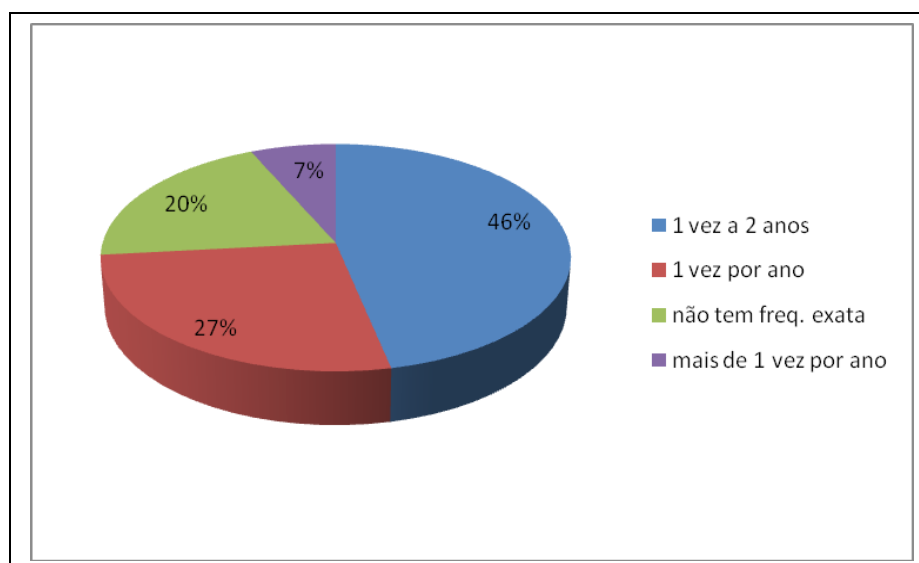


Gráfico 9: Frequência com que viajam ao Espírito Santo

5.3.6 Avaliação da migração e o possível retorno

Entre os entrevistados, 10% julgaram que a mudança de estado não provocou efeitos em suas vidas, ou seja, ela está estável. Para os outros 90%, houve melhora, expressa principalmente pela aquisição de proporções de terra impensáveis enquanto residiam no ES.

Porém entre os que afirmaram uma melhoria neste sentido, houve um grupo considerável (37%) que fez questão de ressaltar também alguns pontos negativos, como a falta de uma rede estruturada de serviços de educação e saúde (escolas mais próximas, médicos especializados, etc.), ausência de estradas e redes de energia elétrica, os baixos preços dos produtos agrícolas. Além desses aspectos, citou-se ainda a falta das pessoas que compunham seus antigos círculos de convívio social.

Tal situação suscita em parte desses migrantes o desejo de retorno à terra natal. O retorno de migrantes constitui-se numa das principais características das migrações. Ravenstein (1980) em suas conhecidas 7 leis já previa a formação de uma contra-corrente em sentido oposto à corrente de migração principal.

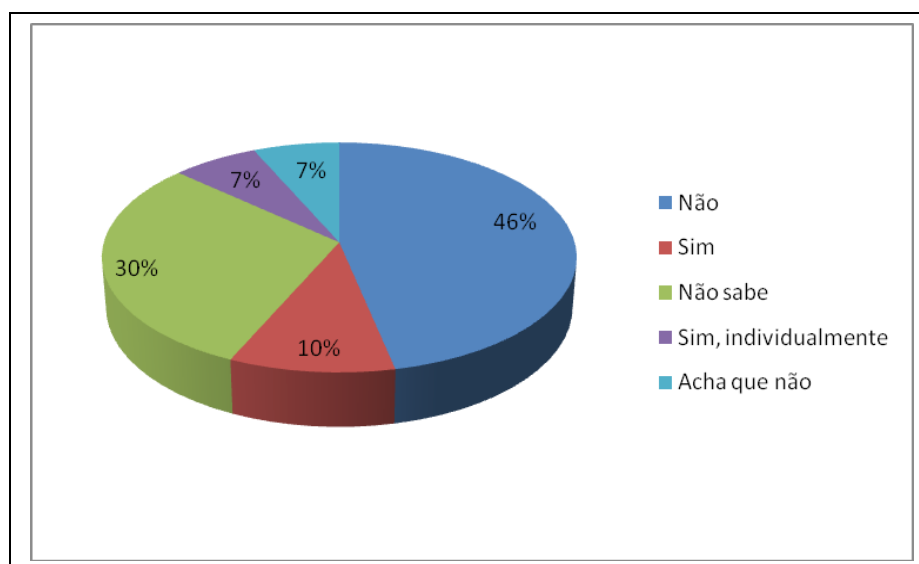


Gráfico 10: Possibilidade de retorno ao ES

É importante destacar que indivíduos emigrados para outro local levam consigo informações e conhecimentos a respeito de seu local de origem. Muitas vezes podem despertar em seus novos concidadãos o interesse de deslocar-se no sentido inverso. Assim, contribui para

avolumar os fluxos da contra-corrente, somando-se a aqueles que retornam por conta de razões como a não-adaptação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarem num novo posto, os migrantes procuraram recriar o seu universo, seus valores e costumes, produzidos ao longo de sua história. Um exemplo é o jogo de bocha, esporte praticado tipicamente aos domingos, levado pelos capixabas para RO, onde agora existem até mesmo torneios municipais.

Além desse frugal exemplo, podemos notar o quão significativo foi para o enriquecimento cultural do estado de RO a contribuição capixaba, no sentido de religião, idiomas, produção agropecuária, etc.

Porém, ao terminar esta etapa do trabalho, opto por chamar a atenção para dois tópicos importantes subjacentes ao processo migratório dos capixabas para RO. O primeiro diz respeito às alterações demográficas transcorridas em ambas as unidades federativas por conta do avolumamento dos fluxos interestaduais. Composição étnica, razão de sexos e estrutura etária são três das mais importantes variáveis sócio-demográficas, que podem influenciar outras como as taxas de fecundidade e natalidade, grau de instrução, etc.

O fator distância tem uma significação fundamental para atribuímos um grau de importância ao deslocamento realizado pelos capixabas para RO. Nesse contexto, cabe esclarecer que ele age como um elemento de seletividade, pois quanto mais aumenta a distancia do percurso, maiores devem ser os gastos em relação a ela. Dessa forma, indivíduos com características diferentes, tendem a perceber a migração de forma diferenciada.

Geralmente, aqueles com maior renda ou melhor nível de educação migram percorrendo maiores distancias, por que estão mais capacitados para pagar os custos mais elevados de uma mudança para um local mais afastado. Espera-se que quanto maior à distância percorrida maiores sejam os ganhos a serem percebidos. Entretanto, quanto maiores forem as distancias menor será a magnitude dos fluxos.

Entre os quatro estados que mais contribuíram para o saldo migratório de RO - Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Espírito Santo - este último merece atenção especial, pois é o que situa-se mais afastado do estado amazônico e possui o segundo menor número de habitantes.

Segundo Castiglioni (1984), a variável distância pode ser entendida no estudo das migrações a partir de um modelo gravitacional (ou de interação espacial), juntamente com outras variáveis diretamente mensuráveis relativas ao espaço geográfico - população e superfície (tradução nossa).

Nesse sentido, “la migration est directement proportionnelle aus effectifs des populations des régions d’origine et de destination et inversement proportionnelle à la distance”.

Por outro lado, numa abordagem mais sociológica, o efeito da distância sobre os fluxos migratórios podem ser minimizados ou anulados, se levamos em conta a teoria de Stouffer (apud CASTIGLIONI, 1984, p.66). Esse pesquisador argumenta que a mobilidade não é uma função da distância diretamente, mas sim que os deslocamentos a uma distância determinada são diretamente proporcionais ao número de possibilidades de trabalho situadas no lugar de destinação e inversamente proporcionais ao número de fatores intermediários que se situam entre as duas zonas (tradução nossa).

A explicação de Stouffer nos parece bem apropriada para entender as razões de uma distância tão grande entre o lugar de origem e de destino dos emigrantes capixabas. Ressalta-se no fim da análise de todas essas variáveis, que considerando a distância, a saída de capixabas para RO foi a que mais trouxe efeitos de ordem sócio-econômicos e demográficos para o ES (inclusive em relação aos estados circum-vizinhos). De maneira diretamente proporcional certamente os capixabas constituíram-se como o primeiro ou segundo grupo que mais portou alterações de mesma ordem para o estado de Rondônia.

7. REFERÊNCIAS:

BAHIANA, L. C. O Norte na organização regional do Brasil, IN: Geografia do Brasil: Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE,1991. p. 15-23

BARCELLOS, M.M.; COSTA, W.S. População, In: Geografia do Brasil: Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE,1991. p. 169-211

BEAUJEU - GARNIER, J. Geografia de população. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

BECKER, B. Amazônia. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

_____. Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.

BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil, IN: ANAIS DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA O FINAL DO SÉCULO. Brasília: MPAS, 1996.

BINSZTOK, J. As diferenças socio-espaciais dos produtores familiares dedicados ao cultivo do café na Amazônia. Barcelona (Espanha): Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, 2006. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-02.htm>. Acesso em 09/04/2007.

CAMPOS JR., Carlos Teixeira. A Formação da Centralidade de Colatina. IHGES: Vitória, 2004.

CASTIGLIONI, A.H. Migrations internes au Bresil (Thèse en Démographie). Louvain (Belgique), Université Catholique de Louvain, 1984.

CASTIGLIONI, A.H. Migration, urbanisation et développement: le cas de L’Espírito Santo-Bresil. Bruxelles, Editions Ciaco, 1989.

CASTIGLIONI, A. H.; DALAPICOLA, T. Transformações no espaço agrário do noroeste espírito-santense e a migração de capixabas para Rondônia, IN: ANAIS DO III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: CAMPESINATO EM MOVIMENTO (CD-ROM). Londrina –PR: UEL, 2007.

CASTIGLIONI, A. H.; DALAPICOLA, T. A emigração sob a ótica de quem permaneceu: estudo de São João da Barra Seca (Colatina-ES). Vitória: UFES, PRPPG, Departamento de Pesquisa, 2008. Mimeo.

DALAPICOLA, T. A falência da agricultura familiar e a migração de capixabas para Rondônia, IN: ANAIS DO XVIII ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: Perspectivas Teórico-Methodológicas da Geografia Agrária (CD-ROM). Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

DESCLOITRES, J. Desmatamento as margens da rodovia BR-364. MODIS Land Rapid Response Team, [s.d.] fotografia.

DICIONÁRIO PORTO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Conceito de migração. Disponível em <http://www.portoeditora.pt/dol/>. Acesso em: 11/04/2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Áreas de atração e evasão populacional no Brasil no período de 1960/70. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

_____. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Colatina-ES. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

LEE, E.S. Uma teoria sobre a migração, IN: Migração Interna - textos selecionados, Tomo 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 89-144

LINGUA PORTUGUESA ON-LINE. Conceito de migração. Disponível em http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. Acesso em: 11/04/2007.

LINK, Rogério Sávio. Luteranos em Rondônia: o processo migratório e o acompanhamento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (1967-1987). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2004.

MELLO, N. A; THÉRY, H. Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território. São Paulo: Edusp, 2005.

MOURA, C. A colonização de Rondônia. Disponível em www.rondoniainfoco.com.br. Acesso em: 07/06/2008

MOURA, H. A. Nota Prévia, IN: Migração Interna - textos selecionados, Tomo 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 11-16.

NAÇÕES UNIDAS. Manual VI – Métodos de medição da Migração Interna, IN: Migração Interna - textos selecionados, Tomo 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 313-353.

PATARRA, N; CUNHA, J.M. Migração: um tema complexo. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 1987.

POTENGY, G.F. O processo de inserção do migrante na sociedade urbano-industrial, IN: Migração Interna - textos selecionados, Tomo 2. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 871-906.

RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration, IN: Migração Interna - textos selecionados, Tomo 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 19-88.

RONDÔNIA, GOVERNO DO ESTADO DE. História sobre Rondônia. Disponível em <http://www.rondonia.ro.gov.br/conteudo.asp?id=180>. Acesso em 13/04/2008.

RONDÔNIA, Mapa de. Disponível em www.brasil-turismo.com/mapas/rondonia.htm. Acesso em: 07/06/2008.

SANTOS, R. B. Migração no Brasil. São Paulo: Scipione, 1994.

SAUVY, A. Elementos de Demografia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHEFFLER, E. Luteranos em Rondônia, IECLB na Amazônia. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/articles/9908/1/Quem-Somos/1.html>. Acesso em: 06/06/2008

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo, IN: Migração Interna - textos selecionados, Tomo 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 211-244.

SJAASTAD, L. A. Os custos e os retornos da migração, IN: Migração Interna - textos selecionados, Tomo 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. Normalização de referências: NBR 6023:2002. Vitória: UFES, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos. Vitória: UFES, 2006.

VALADÃO, V. de A. Assentamentos e sem terra: a importância do papel dos mediadores. Vitória: Edufes, 1999.

